

ESCREVIÊNCIAS: ENTRE (RE)EXISTÊNCIAS, LUTAS E A TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA

Márcia Rocha Galvão
Breno da Conceição Neto

INTRODUÇÃO: A escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo (2020), configura-se como uma escrita que nasce das experiência vividas, especialmente por mulheres negras. Ela possibilita uma articulação entre memórias, vivências e resistências, evidenciando dores, alegrias, superações e persistências. Mediante a isso, o problema apresentado é: como as políticas afirmativas garantem não apenas o acesso, mas de igual modo, a permanência e o desenvolvimento acadêmico de mulheres negras no Ensino Superior?

Este texto tem o objetivo de narrar uma escrevivência, de uma trajetória de superação de uma mulher negra em seu processo de acesso e permanência no Ensino Superior, pontuando a importância das políticas públicas e das ações afirmativas e de ações institucionais no enfrentamento às desigualdades sociais, de gênero e do racismo.

METODOLOGIA: este estudo é de abordagem qualitativa de cunho autobiográfico, sustentado na escrevivência, de acordo com a proposta de Evaristo (2020), que permite a articulação entre memórias, vivências e resistências na elaboração do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Desde criança, a vida e as memórias foram marcadas por muita desigualdade e falta de acesso ao básico para a sobrevivência. A trajetória escolar atravessada por desistências, retornos, superações e resistências. Evidenciando as limitações impostas pelo racismo estrutural e das desigualdades sociais e de gênero. A minha filha que me incentivou, me inscreveu no Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) depois no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), na qual alcancei pontos para ingressar no Ensino Superior, através das cotas raciais na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Diante disso, veio a ansiedade e o medo. As aulas começaram e parecia um sonho e ao mesmo tempo, começou um

pesadelo, muitas cobranças e não conseguia, conciliar serviço com os estudos. Pois, é foi necessário trabalhar durante o dia e estudar à noite. Deixava o serviço e logo em seguida começavam as aulas. Essa rotina foi durante um ano todo, mal conseguia entender as matérias, sem tempo para estudar, pois o cansaço também tomava conta. Porém, em um certo dia encontrei a Tereza, uma artesã muito querida, que prontamente me apresentou o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB). A partir daí, minha vida começou a mudar, pois encontrei forças para enfrentar os estudos na universidade branca e elitista, marcada pelo pacto da branquitude e pelo racismo institucional, conforme escreveu Cida Beto (2022). Jamais pensei que haveria uma zeladora (eu) cursando o ensino superior. Por meio de uma roda de conversas promovida pelo NEAB, obtive forças para seguir. Conheci o Serviço de Bem Estar à Comunidade (SEBEC), qual obtive assistência, me ajudando com recursos no transporte, bolsas de auxílio e o empréstimo de um aparelho celular para estudar. Continuo estudando, atualmente participo de vários projetos na universidade e no NEAB, mediante as bolsas de auxílio, tive a oportunidade de conhecer vários lugares, participar de eventos, compartilhar minha trajetória de vida e transformar meu currículo acadêmico. Através da bolsa pude sair do serviço, pois não conseguia estudar, mas diante disso, veio outra sensação, aquela de não me sentir pertencente à universidade, de poder de ir até ela apenas para estudar. A sensação é que isso não é o certo, pois eu a zeladora pode agora estudar e frequentar a universidade durante o dia. Mas enfim, estou me adaptando, pois essa oportunidade tenho que agarrar com as duas mãos. Logo concluo o curso e pretendo continuar estudando, fazer especialização e ser uma mulher que nunca imaginava ser nem nos meus maiores sonhos, ser uma bibliotecária.

Palavras-chave: Políticas Públicas; Ações Afirmativas; Racismo Estrutural.

REFERÊNCIAS:

Bento, C. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Evaristo, C. A escrituragem e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.).

Escrituragem: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26–46.